

O meu querido malestar

*Paulo Luis Rosa Sousa**

I

O texto de Ricardo Bernardi vem marcado por precisão cirúrgica. Em movimentos rápidos logo alcança o frágil ponto de equilíbrio narcísico, tanto nosso, como analista, quanto de nossa disciplina.

E abala profundamente esse ponto.

Algo notável é que o relato possui condimento antidesmentida que o torna delicioso, embora exija digestão demorada e trabalhosa.

Bernardi tem consciência de que expõe, cruamente, muitas de nossas feridas e, preocupado com as consequências de seus “desafios pendentes”, faz uma espécie de oração, logo no início (pág. 4):

aspiremos tan sólo a dejarnos ganar por el amor a la verdad y poder examinar, con atención, problemas que producen incomodidad y desazón, e concluí, augurando:

confiemos también en que esto acelerará nuevos avances.

Sob tal expectativa esperada, seguirei alguns sendeiros assinalados pelo autor uruguaio, mas à diferença dele, darei ênfase ao malestar existente na Psicanálise com relação à formação de analistas, à política institucional e à ideologia implicada.

II

Multas horas dos consultórios de analistas e, em especial, de candidatos, são ocupadas por tratamentos diferentes da análise clássica. Para tais casos, justamente mais difíceis, os candidatos devem buscar treinamento e orientação fora da área institucional. Ou então, o que é também frequente, são pacientes

* Grupo de Estudos Psicanalíticos de Pelotas, RS, Brasil. Introdução às idéias de Ricardo Bernardi em “Malestar en el Psicoanálisis: los desafíos pendientes”

atendidos mediante técnicas “adaptadas”, a partir da análise standard e as “adaptações” transcorrem, comumente, sem supervisão ou sem atenção teórica mais detida.

A Medicina conhece, há tempos, a chamada “lei do cuidado inverso”, referida á atenção das massas: pessoas mais enfermas, ou sob maior risco, recebem menores cuidados á saúde.

Na situação dos candidatos ocorre algo similar: pacientes mais difíceis - ressalte-se, fonte maior de ingressos económicos-, dos quais os candidatos se ocupam na quase totalidade das horas, não encontram lugar explícito sob a luz institucional.

A evolução de nossas instituições mostra que ao crescerem vão se desdobrando em departamentos de Psicanálise aplicada, seja a crianças, adolescentes, famílias, psicose, história, seja á psicossomática.

Por que não um **departamento para a psicoterapia**? Filha da “Psicanálise Pura”, nós mesmos, analistas, isolamos a psicoterapia **analítica** em outras instituições, por nós fundadas ou estimuladas, como se ela não estivesse presente nas instituições oficiais **porque, simplesmente, não falamos nela**.

O que al tanto desagrada e nos obriga fazê-la espúria (ou má companhia) ante os olhos severos da Mãe-Análise?... para logo andarmos de braço, numa outra hora e num outro lugar. Algo faz lembrar recônditas amarguras da sexualidade infantil, numa espécie de encontro, oculto e dividido, com a Mãe e com a Outra.

Não é isto u’á monumental desmentida, com o custo emocional e o malestar que toda desmentida implica?

Necessita ainda a Psicanálise do “splendid isolation” freudiano para sobreviver?

Os **departamentos aceitos** em nossas sociedades não serão eufemismos para a psicoterapia que leva o mesmo sobrenome da análise?

É fácil antever o quanto a questão que levanto aumentaria a complexidade científico-administrativa de nossas já complexas instituições, mas,

- quem deve responsabilizar-se, em essência, pelas aplicações da Psicanálise?
- não toca tal problema uma profunda necessidade do candidato?
- uma Psicanálise da Psicoterapia não será tão respeitável como qualquer outra área de aplicação? E de maior repercussão prática?

III

Acompanho o desenvolvimento de investigações recentes (pesquisas empíricas, sobre a psicopatologia do negativo, sobre psicossomática) que transcorrem fora do âmbito específico da Instituição Analítica. Claro que não me retiro ao âmbito geográfico, pois algumas delas requerem processos especiais, que a instituição padrão não tem como oferecer, mas o que questiono é se não chegou a hora da Instituição Psicanalítica, oficial e abertamente, buscar associar-se a outros centros (universitários, de pesquisa, de financiamento) na promoção de novas indagações para nossa disciplina?

Talvez na América Latina, mais que em outros lados, padecemos, á sombra do Velho Professor, de uma espécie de “Síndrome do splendid isolation”, permanecendo, reconfortados, dentro de nossas instituições.

Isolamento, associação, uma nova combinação de ambos -o que promove o progresso da Psicanálise?

O mundo cultural contemporâneo está marcado pela aproximação entre Humanidades, Ciência, Arte e Tecnologia como em nenhum outro momento. Esse caráter interdisciplinar vive uma expansão crescente, rumo a sistemas cada vez mais abertos, mutáveis e complexos, tecendo um contexto no qual a Psicanálise, justamente, parece ser disciplina de privilégio, já que faz convergir sobre si tendências da cultura, antes, apenas paralelas e sem intercomunicação e, agora, ligadas por uma complexidade de linguagens.⁽¹⁾

IV

O relato uruguaio faz com que nos aproximemos com mais carinho á nossa própria ignorância, o que leva, na prática, a que estejamos menos defendidos diante dela e do malestar que a acompanha. Por isso exaltei, ao começar, o lado amável do malestar -é via de acesso á ignorância e sua presença indicador valioso do juízo de realidade.

Nestes termos, concluindo as notas, apontarei áquele malestar ubíquo, fruto da tensão entre a ciência que professamos e a ideología ⁽²⁾ intrínseca que nos

¹ Cf.: Nota Editorial, El paseante, Madrid, Nº 4 (Otoño), 1986, pág. 4.

² Este ambiguo termo está aqui tomado nos termos de Yvon Bress: “*haveria que fazer da ideología, não uma categoria infamante, mas uma dimensão ineutável da existência individual e coletiva*” ... “*cessar de tomar o ideológico como ilusão enganosa a ser desmistificada com a clara luz da ciência*”. (in Y. Bress: “El Psicoanálisis como ideología religiosa”, *Psychanalyse á l’Université*, París, Tomo 8, Nº 29, dezembro 1982). Referência tomada de Marcelo Viñar, in D. Gil e M. Viñar: “Malestar en la Cultura. Un diálogo con Freud desde el Uruguay, 1992”. *Trabalhos Pré-publicados, XIX Congresso Latino Americano de Psicanálise*. Montevideú. 1992. pág. 4

anima, malestar presente a cada momento que tocamos o tema homem, mulher, sexo, dinheiro, e morte.

E que outros temas existem?

Seria mais ético, na formação, se cada sociedade informasse, á moda de uma bolsa de valores, a variaÇao diária ja ideologia que ah se vive, colocando na tela o que se ensina, o que nao se ensina, o que vale o homem, a mulher, o sexo, o dinheiro, a morte, no momento a momento da instituição.

Sonho impossível, mas...

Nao custa sonhar por uma ignorância menos douta.

Gracias, Bernardi.

Junho 1992